

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ATRAVessar AS FRONTEIRAS AFRICANAS – MIGRAÇÃO E MOBILIDADE

CRISTINA UDELSMANN RODRIGUES

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, n.1: 13-22, jan., 2015.

Versão online disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/53757/33111>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan., 2015.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ATRAVESSAR AS FRONTEIRAS AFRICANAS – MIGRAÇÃO E MOBILIDADE

CRISTINA UDELSMANN RODRIGUES¹

O interesse académico e prático sobre as fronteiras africanas na actualidade é quase sempre rapidamente associado às crescentes vagas de migrações do continente para a Europa, envolvendo migrantes em condições de vida – e de atravessamento da própria fronteira – extremamente precárias. Contudo, a reflexão sobre as fronteiras africanas integra não só um conjunto amplo de outros assuntos – e mesmo de outros problemas – como se tem concentrado noutros períodos históricos de relevância para o continente e para as relações do continente com o mundo global. Neste artigo, que pretende apresentar um panorama geral sobre a evolução dos estudos sobre fronteiras africanas, coloca-se o enfoque na análise das migrações e mobilidade humana inter-regionais, intra- e inter-continetais. Tratando-se de um dos temas privilegiado nos estudos de fronteiras, a circulação de pessoas através de postos oficiais e rotas não-oficiais, legal e ilegalmente, forçada ou de livre vontade, constitui uma área de reflexão relevante quer para académicos como para agentes e detentores de interesse envolvidos em questões práticas relacionadas com a mobilidade dos africanos.

ESTUDOS SOBRE FRONTEIRAS EM ÁFRICA

Embora exista um vasto conjunto de literatura e análises históricas sobre as muitas questões levantadas pelas fronteiras africanas, o surgimento de estudos sociológicos em maior número e a mobilização de grupos de estudiosos particularmente interessados nas fronteiras em África podem ser situados na década de 1990. Em particular depois da conferência sobre fronteiras e “terras de fronteira” em África² realizada em Edimburgo em 1993, começaram a ser tidos como um campo de trabalho específico e pertinente os estudos sobre as múltiplas e diversas questões que envolvem as fronteiras africanas, uma linha que também já se começava a evidenciar entre as ciências sociais noutros contextos geográficos. Esta iniciativa foi seguida por vários projectos de investigação, no início da década seguinte. Mais recentemente, em 2007, foi criada a rede de pesquisa sobre fronteiras africanas, ABORNE (African Borderlands Research Network), financiada por várias instituições científicas europeias através da European Science Foundation.

Contudo, apesar da maior visibilidade adquirida pelos trabalhos recentes, alguns estudos importantes publicados antes de 1990 destacam-se na pesquisa geral sobre fronteiras africanas. São exemplos marcantes neste âmbito, os de Fredrik Barth, Jeffrey Herbst, Paul Nugent e Anthony Asiwaju. Fredrik Barth integrou a fronteira e a sua importância no estudo sobre grupos étnicos, perspectivando

1 ISCTE-IUL, Instituto Universitário de Lisboa. E-mail: cristina.rodrigues@iscte.pt.

2 African Boundaries and Borderlands

interligações entre identidades étnicas que, independentemente das fronteiras – criadas pelos próprios grupos ou pelos estados – se criam e recriam constantemente. Já o trabalho de Jeffrey Herbst, de um modo geral, concentra-se na construção e na consolidação do Estado em África, sobretudo no seguimento das dinâmicas das independências, aparecendo as fronteiras coloniais – e as pós-coloniais que mantêm os limites geográficos anteriores – como um elemento central e decisivo neste campo. Paul Nugent e Anthony Asiwaju publicaram em 1996 uma das obras recentes mais significativas sobre fronteiras africanas, *African Boundaries: Barriers, Conduits and Opportunities*, onde diversas dinâmicas e pontos de vista, aparentemente controversos, são discutidos e colocados em causa, o que inspirou vários estudos subsequentes.

Tendo em conta a acumulação e diversificação das temáticas e dos estudos de caso ao longo dos anos, hoje o estudo das fronteiras africanas abrange um vasto número de indivíduos e mobiliza várias disciplinas, desde a arqueologia, por exemplo, (Hall, 1984) aos diversos temas da ciência política (Larémont, 2005) e da sociologia (Nugent e Asiwaju, 1996; Nugent 2003; Mbembe, 2002). A necessidade de uma abordagem interdisciplinar, única possibilidade de entender as realidades relacionadas com as fronteiras, conduziu à integração gradual de vários temas, por sua vez relacionados com os diversos problemas em presença e por isso relevantes para as análises nas ciências sociais. Os temas, amplos e diversos, abrangem questões relacionadas por exemplo com a soberania e o que a fronteira significa neste campo (Mbembe, 2002); um campo vasto de questões relacionadas com migração, regional e internacional, permanente e temporária (Tornimbeni, 2005; Udelmann Rodrigues, 2012); com o comércio transfronteiriço (Dobler, 2008; Meagher, 2003; Hüskén, 2009), legal e ilegal; com conflitos (Zeller, 2007); com o género (Cheater, 1998); com a lei e legitimidade (Abraham, 2006); autoridades tradicionais transfronteiriças (Zeller, 2007; Tomás, 2006); ou com a mudança social e as identidades sociais (Ferguson, 1999; Dobler, 2010). Além disso, existe um importante conjunto de estudos actuais que se concentram cada vez mais, por exemplo, nas questões relacionadas com a gestão e partilha de recursos naturais transfronteiriços ou com a disseminação do Hiv-Sida e no papel das fronteiras. Note-se que as indicações acima representam apenas uma amostra daquilo que está a ser produzido recentemente em termos de conhecimento científico na área das ciências sociais. Há ainda um vasto campo de produção de conhecimento “institucional” a considerar, nomeadamente tendo em conta as publicações do programa de fronteiras da União Africana (African Union Border Program, AUBP) que nos últimos anos se têm debruçado sobre questões ainda por resolver relativamente às fronteiras. Em termos da comparação intercontinental e global, também as diversas realidades das fronteiras africanas têm servido de estudos de caso pertinentes, destacando-se diversas abordagens comparativas com outros contextos mundiais fronteiriços (Coplan, 2010; Foucher, 1991; Miles, 2008).

De um modo geral, e não obstante a interdisciplinaridade que caracteriza os estudos sobre as fronteiras, a pesquisa realizada pode ser agrupada em abor-

dagens com enfoque nos conflitos causados pelas fronteiras, por um lado, e, por outro, as abordagens que enfatizam outros tipos de relacionamento – compromisso, cooperação e trocas intensas. Esta distinção não é em si definitiva já que as sobreposições e interferências múltiplas entre os conflitos e as sinergias de tipo positivo são, também elas, frequentemente relatadas. As disputas políticas, o debate sobre identidades e fronteiras coloniais em África, a ocorrência ou intensificação de conflitos étnicos ou a natureza conflituosa das fronteiras pós-coloniais, têm chamado a atenção de vários pesquisadores (Asiwaju, 1985, 2003; Kapil, 1966; Nugent, 2003; Tronvoll, 1999; Sambanis, 1999; Herbst, 1989; Barth, 1969; Coquery-Vidrovitch, 1982).

Este tipo de investigação concorreu para a criação de um quadro teórico bem consolidado, no qual foram introduzidas categorias analíticas importantes, como a democracia, a cidadania e as identidades nacionais e étnicas, que provaram ser relevantes para entender as dinâmicas sociopolíticas e culturais em contexto de fronteira. Vários outros estudiosos preferiram concentrar-se nas qualidades dinâmicas, fluídas e permeáveis das fronteiras e até mesmo de identidades próprias às “terras de fronteira”, fazendo emergir variados pontos de vista (Mbembe, 1999; Migdal, 2004; Pellow, 1996; Prescott, 1987; Rösler e Wendl, 1999; Nyamnjoh, 2007; Brambilla, 2009). Muitos deles também destacam o papel das relações sociais nos contextos de fronteira, o envolvimento de diversos intervenientes neste conjunto de relações sociais para além do grupo étnico – amplamente analisado no caso africano (Asiwaju, 1985) – como o Estado, os diversos órgãos administrativos de diferentes escalas, os agentes económicos, as populações de diferentes etnias e locais, ou, por exemplo, as organizações religiosas. Esta perspectiva resulta basicamente do reconhecimento que quer os actores estatais como os não-estatais desenvolveram estratégias próprias, com base em diferentes conceitos de fronteira internacional geográfica (Donnan e Wilson, 1999; Clapham, 1999; Flynn, 1997; Dobler, 2009), que podem coincidir com as perspectivas locais das fronteiras culturais e sociais ou, pelo contrário, ser visivelmente dissonantes (Nugent e Asiwaju, 1996; Sambanis, 1999; Zeller, 2007; Asiwaju, 1985).

Por outro lado, as pressões a nível local, regional ou internacional e as dinâmicas económicas regionais representam tanto as restrições como as oportunidades causadas pela existência das fronteiras, sendo exploradas de forma diferente, por diferentes atores, em contextos diversos (Nugent e Asiwaju, 1996; Udelmann Rodrigues, 2007, 2010). Na aparência e na realidade, a maioria das fronteiras permanecem porosas e sujeitas a negociações e conflitos concretizados por diferentes actores e detentores de interesse, de forma colectiva ou individual. Daí que as fronteiras africanas hoje assumam diversas configurações em todo o continente, sendo “utilizadas” e apropriadas de formas diversas desde as independências, com consequências óbvias para a organização social e política e para a integração regional (Nugent, 2003; Bach, 1999; Clapham, 1999).

As recentes mudanças que afectam a circulação de pessoas, bens e serviços e que envolvem uma intensa mobilidade transfronteiriça, também contribuíram para

promover uma abordagem mais dinâmica dos estudos transfronteiriços, com enfoque nas novas formas de relações sociais, económicas e políticas e sobre a importância da globalização e dos processos transnacionais. Mais adiante, este importante tema dos estudos sobre as fronteiras africanas é retomado com maior detalhe.

Importa então mais uma vez enfatizar a consolidação de uma área de interesse que se destaca no âmbito dos estudos africanos. Uma perspectiva geral e estruturada sobre as publicações resultantes de pesquisas sobre fronteiras africanas pode ser encontrada através da consulta da ABORNE, a já referida rede de pesquisa sobre fronteiras em África³. A rede encontra-se solidamente estabelecida como uma plataforma fundamental para o trabalho sobre as fronteiras em África, sendo os resultados das pesquisas continuamente expandidos desde a sua constituição. As principais áreas temáticas da ABORNE no âmbito do financiamento da European Science Foundation integram a migração de uma forma explícita e, das conferências internacionais realizadas pela rede, uma delas dedicou-se a este tema em particular. Os temas centrais da ABORNE são (i) os africanos divididos (*partitioned*) pelas fronteiras coloniais, tendo em conta que a maioria das fronteiras em África são um resultado da divisão colonial do continente que, na maior parte dos casos de delimitação, dividiu povos de uma forma mais ou menos arbitrária; (ii) as migrações, partindo de um quadro crítico de forma a investigar a natureza e as implicações da mudança dos padrões de migração em África na sua relação com as fronteiras; ainda, integra uma sub-área importante de análise das migrações ilegais, sobretudo dos fluxos migratórios entre a África Ocidental e a Europa; (iii) o comércio transfronteiriço, que inclui a análise e reflexão sobre o comércio informal e o comércio ilegal; o impacto da globalização e das políticas pós-Guerra Fria; o impacto negativo das reformas de mercado sobre o potencial das redes de comércio africanas tradicionais e as implicações para o desenvolvimento económico e capacitação local; os novos padrões de comércio transfronteiriço e as possibilidades correlacionadas para a integração e desenvolvimento regional; (iv) os conflitos, área de trabalho que analisa sobretudo as disputas territoriais e também o significado reduzido destas disputas no contexto africano; as formas como as fronteiras e as soberanias nacionais são apropriadas para dar cobertura a conflitos e secessionismos; (v) as questões dos refugiados, tendo em conta que todos os conflitos mais dramáticos dos últimos tempos têm envolvidos enormes fluxos humanos; as fronteiras são utilizadas como marco de segurança nestas dinâmicas mas, por outro lado, tornam-se elas próprias zonas de insegurança devido a estes fluxos; (vi) a utilização e gestão partilhada de recursos, sejam eles naturais como parques naturais, água, recursos pesqueiros ou pastos; recursos infra-estruturais como o acesso transfronteiriço a escolas ou à saúde. Muitos temas relevantes inserem-se, no entanto, de forma indirecta em cada uma destas áreas temáticas e mesmo alguns estendem-se por diversas áreas em simultâneo, como é o caso da circulação e transmissão do Hiv-Sida e o papel das fronteiras neste âmbito, consti-

3 <http://www.aborne.org>.

tuindo, um assunto de especial importância no contexto africano actual e, por essa razão, também para os académicos africanistas.

MIGRAÇÃO, MOBILIDADE E FRONTEIRAS AFRICANAS

A migração e a mobilidade, dentro e fora de África, constituem fenómenos centrais nas dinâmicas sociais, políticas e económicas das vivências quotidianas em zonas fronteiriças, e não só. As migrações são também é uma das principais preocupações das autoridades nacionais, dentro e fora da África, e um elemento-chave nas estratégias económicas e sociais dos africanos. O tema, e a sua relação com o controle e a regulação das fronteiras africanas, têm atraído muitos estudiosos em todo o mundo a partir do enfoque de várias disciplinas.

Um conjunto significativo da literatura científica lida com as formas como as fronteiras têm afectado a migração em África. De entre as formas de mobilidade que mais têm caracterizado o continente nas últimas décadas, destacam-se as migrações por razões laborais e as migrações forçadas, causadas por conflitos. Actualmente, junta-se a estas análises a migração ilegal para a Europa, que por seu turno passou a constituir uma preocupação internacional significativa. Simultaneamente, passou também a ganhar destaque o estudo dos fluxos migratórios intercontinentais, sobretudo em direcção aos países que oferecem novas oportunidades económicas, como a África do Sul.

Mas o aumento da mobilidade humana não pode ser tido como uma especificidade africana, apesar da sua importância histórica e tradicional. A aceleração e aumento dos volumes de circulação de pessoas, bens e informações através das fronteiras internacionais e intercontinentais é uma tendência crescente no mundo. As transformações políticas e económicas globais das últimas décadas, pós-independências, criaram novas motivações para a mobilidade e para a circulação no continente e para fora das suas fronteiras.

Como referido, os conflitos e as consequências em termos das migrações forçadas que eles provocam têm-se apresentado como a causa principal para a migração mas as motivações de ordem económica mantêm uma importância elevada no continente, onde a maioria da população se encontra me situação de pobreza. Em África, os relatos históricos dos movimentos humanos associam-nos às rotas comerciais tradicionais (Grégoire e Labazée, 1993) e aos elevados níveis de mobilidade resultantes de sistemas de trabalho forçado – incluindo a escravatura, as grandes diásporas – ou a fuga aos mesmos, no contexto dos sistemas coloniais (Abraham, 2006; Tornimbeni, 2005; Miles, 2008; Clapham, 1999). A intensa circulação e intercâmbio nas áreas fronteiriças e entre países está amplamente relacionada com as dinâmicas económicas, sendo que o trabalho e o comércio desempenham um papel central na configuração dos principais fluxos. A procura de oportunidades de trabalho e de comércio, prosseguindo as antigas rotas comerciais ou criando novas, com uma abrangência transnacional impressionante, mantém motivados os africanos para atravessar fronteiras. De acordo com o Observatório ACP das Migrações – embora tendo em conta as especificidades de

cada país – a região da África central e ocidental caracteriza-se pela sua atracção de migrantes laborais, a África oriental pelas migrações forçadas causadas por conflitos, a do sul por fluxos migratórios transfronteiriços regionais. Os países da África central e ocidental são igualmente países de transição, onde vários fluxos de migrantes intra-continetais se posicionam com perspectivas de prosseguir rotas de migrações intercontinentais.

Apesar de tudo, as causas da migração e circulação através das fronteiras africanas estão frequentemente associadas a condições involuntárias. Os africanos foram sujeitos à migração forçada em grande escala historicamente relacionada com a escravatura e, nos tempos mais recentes, relacionada com conflitos internos e externos que obrigaram a deslocamentos massivos de populações através de fronteiras internacionais ou de fronteiras internas. Note-se que mais de metade dos cerca de 30 milhões de deslocados forçados que se estima existirem na actualidade em todo o mundo é africana.

Esta intensa circulação transfronteiriça, amplamente observada, é muitas vezes mal compreendida, sendo perspectivada como aspectos de vagamente definidos como “processos de globalização” ou “transnacionais”. A migração transnacional e transcontinental requer a construção de novas identidades, tanto nos países de origem e os novos locais escolhidos pelos imigrantes e gera dinâmicas de intercâmbio e comunicação. As fronteiras desempenham um papel central neste contexto, tanto empírica como subjectivamente. Para compreender as implicações recíprocas das fronteiras em matéria de migração é importante ter em conta os diferentes tipos de “atravessadores” de fronteira. Por um lado, compreender as suas motivações, estabelecendo as distinções necessárias entre, por exemplo, os trabalhadores migrantes, os refugiados e as pessoas deslocadas. Por outro lado, requer uma contextualização relativamente às distâncias entre os locais de origem e os de destino, bem como a permanência perspectivada no local de destino, identificando as condições particulares de migrantes de longa distância, da migração regional, da migração temporária, das cidades “trampolim”. Ainda, a pesquisa exige olhar para os migrantes em particular, para os seus estatutos sociais, havendo que distinguir as minorias, os intermediários, os trabalhadores qualificados ou os deslocados despossuídos de capital e em situações de vulnerabilidade extrema. Finalmente, a análise das migrações requer uma constante atenção às diversas implicações que estes movimentos produzem, nomeadamente em termos de fuga de cérebros, de remessas, de questões de cidadania, do crescimento urbano, para referir apenas alguns.

Várias instituições nacionais e internacionais têm vindo a trabalhar em conjunto e individualmente sobre questões relacionadas com a migração no mundo, com o objectivo de compreender os impactos e regular a circulação através das fronteiras. Como referido, a travessia das fronteiras entre a África e a Europa, à semelhança do que acontece por exemplo entre os Estados Unidos e o México, são especificamente uma área de grande preocupação. As mudanças provocadas pela regulamentação, no entanto, incentivam o desenvolvimento de novas estratégias

locais e transnacionais, com implicações importantes sobre a cidadania e aspectos identitários. Algumas das preocupações sobre a circulação transfronteiriça envolvem descobrir como a identidade, do país de origem e a construída nos países de destino, são moldadas e modificadas, transformadas e reinventadas pela migração de longa distância e pelas possibilidades de integração nos locais de destino.

OUTRAS TEMÁTICAS POPULARES E ACTUAIS E LINHAS DE INVESTIGAÇÃO NUM MUNDO GLOBALIZADO

Apesar das diversas linhas de abordagem das migrações, um factor sempre presente, explícita ou implicitamente, é a fronteira e o que a sua existência implica nos movimentos de pessoas (Nugent & Asiwaju, 1996; Mbembe, 1999). A fronteira condiciona, em maior ou menor grau, a mobilidade e a imobilidade, estabelecendo os termos da circulação entre países e regiões mundiais (Kok, 2006). Subjacente à maior parte das análises continua a ser o interesse pelas questões do desenvolvimento relacionadas com os movimentos fronteiriços. Tendo em conta, como referido, que o continente sofre desde há várias décadas de uma pobreza crónica geral – que não é contrabalançada pela existência de casos particulares de maior sucesso e desenvolvimento – integram cada vez mais os estudos sobre as migrações africanas e as fronteiras internacionais as considerações sobre as implicações para o desenvolvimento e para a melhoria efectiva das condições de vida das populações (Adepoju, 2008).

Como referido, de uma maneira geral, atravessam os trabalhos sobre as migrações e as fronteiras africanas questões relacionadas com causas e consequências dos movimentos de pessoas. No entanto, surgem constantemente outras áreas de interesse, resultado quer do aprofundar do conhecimento sobre estas realidades diversas quer do aparecimento de novas questões. Exemplos com alguma representação na academia actualmente dizem respeito às relações entre a informalidade e formalidade, tema que se estende do nível das transacções económicas através da fronteira para as formas de circulação das pessoas, para as redes organizadas de tráficos e para as políticas migratórias. Estas abordagens são produto da constatação da existência de novas estratégias de travessia das fronteiras e colocam cada vez mais em relevo as negociações (e fracassos) entre o controle estatal de fronteiras e a iniciativa dos migrantes e outros agentes envolvidos nos processos migratórios. Por outro lado, novas linhas de análise colocam a tónica na translocalidade e nas novas percepções do espaço e das fronteiras no contexto de comunicação global, não determinada pelos limites impostos pela fronteira física. Neste contexto, o continente africano insere-se de forma particular nas dinâmicas globais, cabendo aos investigadores a decodificação e a descrição dessas particularidades e da sua reconfiguração constante.

REFERÊNCIAS

- Abraham, G. (2006) "Africa and its Boundaries, a Legal Overview: from colonialism to the African Union". In *Big African States*, C. Clapham, J. Herbst and G. Mills (eds). Johannesburg: Wits University Press.
- Adepoju, A. et al. (eds.) (2008) *International Migration and National Development in Sub-Saharan Africa: Viewpoints and Policy Initiatives in the Countries of Origin*, Amsterdam: Brill
- Asiwaju, A. (ed.) (1985) *Partitioned Africans*. New York: St. Martin's Press.
- Asiwaju, A. (2003) *Boundaries and African Integration: essays in comparative history and policy analysis*. Lagos: PANAF Publishing Inc.
- Bach, D. (1999) *Regionalisation in Africa: integration and disintegration*. Bloomington: Indiana University Press.
- Barth, F. (1969) *Ethnic Groups and Boundaries: the social organization of culture difference*. Oslo: Universitetsforlaget.
- Brambilla, C. (2009) "Borders: paradoxical structures between essentialization and creativity", *World Futures*, 65: 582-588.
- Cheater, A. P. (1998) "Transcending the State? Gender and borderline constructions of citizenship in Zimbabwe". In *Border Identities: nation and state at international frontiers*, T. Wilson and H. Donnan (eds). Cambridge: Cambridge University Press.
- Clapham, C. (1999) "Boundaries and States in the New African Order", In Daniel Bach (ed.) *Regionalisation in Africa: integration and disintegration*, Oxford: James Currey, 53-66
- Coquery-Vidrovitch, C. (ed.) (1982) *Problèmes des Frontières dans le Tiers-Monde*. Paris: Université de Paris.
- Coplan, D. (2010) "First Meets Third: Analysing Inequality along the US-Mexico and South Africa-Lesotho borders", *Journal of Borderlands Studies*, 25(2)
- Dobler, G. (2008) "From Scotch whisky to Chinese sneakers: international commodity flows and new trade networks in Oshikango, Namibia", *Africa: The Journal of the International African Institute*, 78 (3): 410-432.
- Dobler, G. (2009) "Oshikango: the dynamics of growth and regulation in a Namibian boom town", *Journal of Southern African Studies*, 35 (1): 115- 131.
- Dobler, G. (2010) "On the border to chaos: identity formation on the Angolan-Namibian border, 1927-2008", *Journal of Borderlands Studies*, 25 (2): 22-35.
- Donnan, H. and Wilson, T. M. (1999) *Borders, Frontiers of Identity, Nation and State*, Oxford and N.Y: Berg.
- Ferguson, J. (1999) *Expectations of Modernity: myths and meanings of urban life*

on the Zambian Copperbelt. London: University of California Press.

Flynn, D. K. (1997) "'We Are the Border': identity, exchange, and the state along the Benin-Nigeria border", *American Ethnologist*, 24 (2): 311-330.

Foucher, M. (1991) *Fronts et frontières - Un tour du monde géopolitique*, Paris: Fayard (1st ed 1988)

Grégoire, E. & Labazée, P. (eds.) (1993) *Grands commerçants d'Afrique de l'Ouest: logiques et pratiques d'un groupe d'hommes d'affaires contemporains*, Paris: Karthala

Hall, M. et al. (eds.) (1984) *Frontiers: southern African archaeology today*. Oxford: British Archaeological Reports.

Herbst, J. (1989) "The creation and maintenance of national boundaries in Africa", *International Organization*, 43: 673-692.

Hüsken, T. (2009) "The Neotribal Competitive Order in the Borderland of Egypt and Libya", In Ulf Engel & Paul Nugent (eds.) *Respacing Africa*, Amsterdam: Brill, pp. 169-209

Kapil, R. L. (1966) "On the conflict potential of inherited boundaries in Africa", *World Politics*, 18: 656-673.

Kok, P. (ed.) (2006) *Migration in South and Southern Africa: Dynamics and Determinants*, HSRC Press

Larémont, R. R. (2005) *Borders, Nationalism, and the African State*. Boulder and London: Lynne Rienner Publishers.

Mbembe, A. (1999) "Migration of peoples, disintegration of states: Africa's frontiers in flux", *Le Monde Diplomatique*, November.

Mbembe, A. (2002) "At the Edge of the World: boundaries, territoriality and sovereignty in Africa". In *Beyond State Crisis? Postcolonial Africa and post Soviet Eurasia in comparative perspective*, M. R. Bessinger and C. Young (eds). Washington: Woodrow Wilson Center Press.

Meagher, K. (2003) "A back door to globalisation? Structural adjustment, globalisation and transborder trade in west Africa", *Review of African Political Economy*, 30 (95): 57-75.

Migdal, J. S. (2004) *Boundaries and Belonging: states and societies in the struggle to shape identities and local practices*. Cambridge: Cambridge University Press.

Miles, W.F.S. (2008) "Legacies of Anglo-French Colonial Borders: A West African and Southeast Asian Comparison", *Journal of Borderland Studies* 23 (2): 83-102

Nugent, P. (2003) *Smugglers, Secessionists and Loyal Citizens of the Ghana-Togo Frontier: the lie of the borderlands since 1914*. James Currey, Ohio University Press and Sub-Saharan Publishers.

Nugent, P. and Asiwaju, A. (eds.) (1996) *African Boundaries: barriers, conduits and opportunities*. London: Pinter.

Nyamnjoh, F. B. (2007) "From bounded to flexible citizenship: lessons from Africa", *Citizenship Studies*, 11(1): 73-82.

Pellow, D. (1996) *Setting Boundaries: the anthropology of spatial and social organization*. Wesport: Bergin and Garvey.

Prescott, J. R. (1987) *Political Frontiers and Boundaries*. London: Allen and Unwin.

Rösler, M. and Wendl, T. (1999) *Frontiers and Borderlands: anthropological perspectives*. Frankfurt: Peter Lang.

Sambanis, N. (1999) "Partition as a solution to ethnic war: an empirical critique of the theoretical literature", *World Politics*, 52: 437-483.

Tomàs, J. (2006) "The traditional authorities cross the colonial border: visions opposed on the paper of religious leaders Joola Húluf and Ajamaat of lower Casamance (1886-1909)", *Africana Studia*, 9: 73-97.

Tornimbeni, C. (2005) "Migrant workers and state boundaries: reflections on the transnational debate from the colonial past in Mozambique", *Lusotopie*: 107-120.

Tronvoll, K. (1999) "Borders of violence, boundaries of identity: demarcating the Eritrean nation-state", *Ethnic and Racial Studies*, 22 (6): 1037-1060.

Udelsmann Rodrigues, C. (2007) "From family solidarity to social classes: urban stratification in Angola (Luanda and Ondjiva)", *Journal of Southern African Studies*, 33 (2): 235-250.

Udelsmann Rodrigues, C. (2010) "Angola's southern border: entrepreneurship opportunities and the state in Cunene", *Journal of Modern African Studies*, 48 (3): 461-484.

Udelsmann Rodrigues, C. (ed.) (2012) *Crossing African Borders: Migration and Mobility*, Lisbon: Centre of African Studies, ISCTE-IUL, University Institute of Lisbon, e-book, <http://hdl.handle.net/10071/4366>

Zeller, W. (2007) "Chiefs, policing and vigilantes: 'cleaning up' the Caprivi borderland of Namibia". In *A New Dawn for Traditional Authorities? State recognition and democratization in sub-Saharan Africa*, L. Buur and H. Kyed (eds). Houndmills: Palgrave Macmillan.